



Central do Leitor

Globo Online

Jornal O Globo

Diário de S. Paulo

Assine O Globo

Classificados O Globo

Anuncie

Agência O Globo

Busca de Notícias

+ Globo Online

Primeira Página

Colunas

O País

Opinião

Rio

Economia

O Mundo

Ciência

Esportes

Segundo Caderno

Suplementos

Boa Chance

Boa Viagem

CarroEtc

Ela

Globinho

InformáticaEtc

Jornal da Família

Megazine

Morar Bem

Prosa & Verso

Revista da TV

Rio Show

Bairros

Baixada

Barra

Centro

Ilha

Niterói

Serra

Tijuca

Zona Norte

Zona Oeste

Zona Sul



Aqui você encontra textos publicados no **Globo** (desde 97) e no **Extra** (desde 98).

Últimos 7 dias grátis

SERVIÇOS



Guia de Serviços -

RIO

Rio, 05 de julho de 2004

Versão impressa

Os números da brutalidade

Elenilce Bottari e Paulo Marqueiro

Os oito tiros — cinco nas costas e três na cabeça — que mataram o segurança e ex-PM André Luiz Marques Portugal, de 31 anos, no Centro, em 4 de fevereiro de 2003, dão a medida da violência carioca. Segundo um levantamento feito pelo GLOBO com base em atestados de óbito de 2.597 pessoas assassinadas no Rio ano passado, 62,6% das vítimas levaram tiros na cabeça. Deste total, 32,8% foram baleadas também em outras partes do corpo. Ainda de acordo com a pesquisa, 37,4% morreram com ferimentos no peito, na barriga ou em outra parte do corpo, com exceção da cabeça.

Para a antropóloga Alba Zaluar, a pesquisa mostra que a maioria das vítimas foi executada. O professor Michel Misse, coordenador do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da UFRJ, afirma que o percentual de pessoas mortas com tiros na cabeça é significativo.

— A cabeça não é a parte mais provável de ser atingida, diferentemente das partes mais largas, como o peito. Era preciso saber detalhes da distância em que foi dado o tiro para tirar uma conclusão. De qualquer forma, o percentual é significativo — diz ele.

O levantamento faz parte da reportagem publicada ontem no GLOBO mostrando que a violência no Rio deixou 2.895 órfãos ano passado, sendo 2.394 crianças e adolescentes (83%) e 501 maiores (17%). Foram pesquisados 3.415 atestados de óbito de pessoas assassinadas no município do Rio durante o ano de 2003. A análise dos ferimentos foi realizada com base em 2.597 destes documentos.

Filhos são obrigados a mudar de escola

O ex-PM André Luiz Marques Portugal, que trabalhava como segurança de um político, era pai de três crianças: Débora, de 8 anos, Diana, de 6, e o caçula André Luiz, de 4. Em meio à dor da perda, a viúva Rose Pelegrini Panisset Portugal, de 32 anos, moradora de Quintino, teve de enfrentar outro drama: ela não trabalhava e o marido não deixou pensão.

— Fiquei viúva, desempregada, com três filhos para criar, sem pensão e com todas as contas chegando para pagar — conta Rose. — Só não foi pior porque minha mãe me ajudou, pagando as contas, e os vizinhos fizeram compras para mim.

Para se adaptar à nova realidade, Rose passou a fazer biscates, distribuindo folhetos de propaganda num sinal de Quintino durante os fins de semana. Os filhos, que estudavam em escola particular, foram transferidos para uma escola pública:

— A casa é própria. Se tivesse de pagar aluguel, não sei o que faria.



Veja a imagem ampliada da capa

COLUNAS

Ancelmo Gois

Cena carioca

HUMOR

Gatão da Meia-Idade

Lan

BAIRROS

Baixada

Barra

Centro

Ilha

Niterói

Serra

Tijuca

Zona Norte

Zona Oeste

Zona Sul

RELACIONAMENTO

Busco:

Idade:

Estado:

Procurar

by parperfeit

Rose não sabe o motivo da morte do marido, mas ela acha que ele pode ter sido vítima de disputas políticas.

— Primeiro mataram o deputado para quem ele trabalhava como segurança. Logo depois o mataram.

A vida da dona-de-casa Rosana Custódio de Carvalho, de 43 anos, e de suas filhas Flávia, de 21 anos, e Aline, de 16, também mudou radicalmente depois dos sete tiros que mataram seu marido, o carteiro Marcos Antônio Ribeiro de Carvalho, de 45 anos. Segundo Rosana, ele foi baleado pelas costas em Anchieta, subúrbio do Rio, em 15 de março do ano passado. O motivo teria sido uma briga por causa de uma amante.

Rosana soube da morte do marido quando uma assistente social chegou à sua casa e lhe entregou um prontuário pedindo que fosse ao Hospital estadual Carlos Chagas, em Marechal Hermes.

— Ela me entregou um papel e deu as costas. Pensei que meu marido tivesse sofrido um acidente, algo assim. Quando cheguei ao hospital e perguntei por ele, ouvi o seguinte: “Minha filha, ele já chegou aqui cadáver”. Ele estava de bermuda e descalço, porque haviam roubado o seu tênis. Devem ter achado que era bandido e me trataram como se eu fosse parente de bandido.

Rosana recebe pensão de dois salários, mas diz que o dinheiro é insuficiente para as despesas da família. Por isso, os planos tiveram de ser revistos. Flávia, a filha mais velha, havia terminado o ensino médio e se preparava para fazer um curso de informática numa instituição beneficente, mas o problema é o transporte.

— Não posso fazer o curso porque não tenho dinheiro para as passagens. Estou tentando arrumar um emprego, mas em todo lugar que vou eles me pedem experiência. Eu não tenho experiência porque nunca trabalhei — afirma Flávia.

As lembranças do pai são dolorosas para as três mulheres. Flávia conta que ele adorava cozinhar. Uma de suas especialidades era o peixe cozido. Segundo Rosana, Aline tem medo de sair de casa. E Flávia não consegue conter as lágrimas quando se lembra de Marcos:

— Meu pai era muito brincalhão. Ele se dava com todo mundo. Não sei como puderam fazer isso com ele.

Para amenizar o sofrimento desses órfãos da violência, a antropóloga Alba Zaluar propõe a adoção de políticas públicas, de modo a interromper o processo da violência:

— Não estamos conseguindo interromper esse processo de violência que vai se reproduzindo e contagiando. Prova disso é que cada vez mais as pessoas estão usando armas para resolver seus conflitos. Precisamos desarmar a população.

Ela criticou a falta de segurança nos paióis das Forças Armadas:

— O Rio guarda os maiores arsenais militares. Sabemos que essas armas são desviadas e levadas para os morros. Isso é a uma agressão à sociedade.

Economista: crime tem impacto social

O juiz Siro Darlan defendeu o uso da pesquisa do GLOBO na elaboração de políticas públicas que dêem apoio moral e

econômico aos órfãos:

— Isso equivale a um pós-guerra. É necessária uma mudança no olhar da sociedade sobre as maiores vítimas dessa guerra, que são crianças. O GLOBO apontou a ferida. Se não cuidarmos dessas crianças relegadas ao abandono, elas repetirão os erros dos pais, ou a violência sofrida por eles.

O economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, chama a atenção para o fato de a maior parte das vítimas ser homem e jovem:

— A atividade criminosa tem esse efeito catraca, invisível, que vai e não volta. Você muda a vida das pessoas, gera custos para a sociedade e o efeito tende a ser permanente.

Para Neri, o perfil das vítimas da violência do Rio se assemelha ao da população carcerária carioca.

— Os crimes causam vários tipos de impacto na vida das pessoas. A perda é uma grande tragédia e gera um impacto econômico, porque o homem é um grande provedor de renda no domicílio, apesar do aumento da participação feminina.

A pesquisa do GLOBO foi realizada durante dois meses em 49.647 atestados de óbito de pessoas sepultadas em 16 dos 20 cemitérios do Rio. Do total de documentos pesquisados, foram separados os casos de homicídio, num total de 3.415.

[Enviar por email](#) 

[Versão para impressão](#) 

[Voltar](#) 

[Topo](#) 

• [Fale com o Jornal O Globo](#) • [Cartas dos Leitores](#) • [Tire suas dúvidas](#) • [Expediente](#) • [Painel dos Leitores](#) •
• [Quem lê jornal sabe mais](#) • [Promoções - Resultados](#) • [Política de Privacidade](#) • [Site Publicitário Infoglobo](#) •

© Todos os direitos reservados a O Globo e Agência O Globo. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem prévia autorização.